

VIVÊNCIAS DE UMA INTERVENÇÃO SOCIAL: TRAÇANDO CAMINHOS DE POTENCIALIZAÇÃO E VALORIZAÇÃO DE MULHERES NA COMUNIDADE ESTRADA VELHA, ACARAPE-CEARÁ.

Antônio Micael Pontes da Silva ¹
Brena Kécia Andrade de Oliveira ²

RESUMO

O referido trabalho é fruto de vivências de uma intervenção social realizada com mulheres da comunidade Estrada Velha, localizada no município de Acarape, Ceará. Trabalhamos a partir do fazer artístico e da educação popular, com a pretensão de constituir um produto artesanal com materiais reutilizáveis mediante uma rede de colaboração que intencionasse a oportunizar um espaço de potencialização e valorização dos saberes das mulheres, enquanto protagonistas das suas respectivas vidas. A intervenção decorreu mediante três pilares: a) o estímulo de situações educacionais em caráter social; b) valorização de laços afetivos entre as mulheres e c) excitar a capacidade de superação de dificuldades e bloqueios da potência criativa. Os resultados advindos da atividade de intervenção evidenciaram-se numa postura reflexiva, aguçando a colaboração, a solidariedade e a coletividade.

Palavras-chave: intervenção social, fazer artístico, educação popular, saberes locais.

INTRODUÇÃO.

Este trabalho é resultado de vivências de intervenção social, em caráter interdisciplinar, nutrida num viés artístico e de educação popular realizado com mulheres em condição de vulnerabilidade e exclusão social da comunidade Estrada Velha, no município de Acarape, Ceará^[3], cujo envolvimento se estabeleceu através das atividades de inserção universitária com o apoio da Rede de Estudos e Afrontamentos das Pobrezas, Discriminações e Resistências (ReaPODERE)^{[4][5]}. A intervenção tomou como fio adutor o fazer artístico e traços da educação popular como caminho que possibilita a (re)construção de espaços de potencialização e valorização de saberes locais enquanto postura reflexiva e criativa enraizada na afetividade, solidariedade e coletividade.

O fazer artístico se pautou na elaboração de uma bolsa artesanal tecida com produtos corriqueiros, de baixo custo e que assumissem caráter de material reutilizável^[6]. O processo

¹ Mestrando em Sociologia (UFC), Licenciado em Sociologia (UNILAB) e Bacharel em Humanidades (UNILAB), mickaelpontessilva@gmail.com;

² Mestranda em Educação (UERN), Licenciado em Sociologia (UNILAB) e Bacharela em Humanidades (UNILAB), brenakeciaa@gmail.com;

de elaboração constituiu-se numa construção dialógica como desdobramento interativo capaz de desenvolver múltiplas percepções de si e com o outro e sobre a realidade vivida, fazendo com que as mulheres participantes possam criar laços de fortalecimentos.

Nesse percurso, a intervenção se estabeleceu em três pilares: a) estimular situações educacionais, cuja dinâmica permitisse às mulheres potencializarem seus saberes na comunidade; b) impulsionar laços afetivos entre as mulheres e c) excitar a capacidade de superação de dificuldades e bloqueios da potência criativa. Esta tríade permite-nos alicerçar ambientes de potencialização e valorização de conhecimentos e saberes locais e, concomitantemente, criar modos de interpretar e atribuir novos significados à vida.

Envolto numa postura ética de trabalho coletivo e solidário, ressalta-se que só foi possível realizar a intervenção na Estrava Velha a partir das atividades de inserção do grupo de pesquisa, ensino e extensão universitária chamado ReaPODERE; assim, a escolha teórica-metodológica da intervenção parte da perspectiva de trabalhar-se com palavras e questões geradoras de forma contextualizada num viés social e também de caráter prático, enquanto fazer artístico; possibilitando a construção de novos questionamentos. Desse modo, observamos que a educação popular freiriana aparece na intervenção como *práxis* que se articula com outras concepções interdisciplinares (MARCHADO, 2018). E que nos fazem problematizar algumas ações das mulheres na Estrada Velha e como se coletivizam estas referidas ações.

A educação popular aparece como uma via que (re)significa as relações do conhecimento, sejam técnicos, experienciais e existenciais, através do diálogo. Nesse constante desafio de estimular diálogos, as palavras transformam-se, paulatinamente, em ações contextualizadas no compartilhamento de interpretações que conduz a coletividade participativa. Os temas e as palavras geradoras podem ser contextualizados tanto em um plano mais geral, quanto particular. No caso em específico, o panorama concentra-se no contingente feminino da comunidade, com foco na potencialização dos saberes das mulheres ali residentes. Percebemos que essa dialética se alicerça na troca de saberes locais, possibilitando a capacidade de construção de novas formas de conhecimento, na concepção da *dialogicidade* como educação transformadora, que visibiliza a *voz* do sujeito, havendo conseqüentemente uma construção coletiva (FREIRE, 2011).

Dessa maneira, o fazer artístico, que não se encerra apenas com a intervenção, se estabelece também como diálogo que se faz em outro fio condutor enquanto formação de uma subjetividade sensível enraizada numa noção expressiva e sensorial, mas principalmente,

como processo educativo, estético e político. Atuando como catalizador que age de modo a estimular a construção de mulheres criativas, especulativas e reflexivas.

METODOLOGIA

Buscamos desenvolver na comunidade Estrada Velha um trabalho de intervenção social, entrelaçada numa perspectiva artística e pedagógica que contemplasse a educação popular. O trabalho foi desenvolvido através de visitas domiciliares que conduziram a duas rodas de conversa, cuja pretensão foi de constituir um produto artesanal com materiais reutilizáveis e oportunizar uma interação afetiva entre as mulheres, com início no dia 13 de abril e perdurando até 11 maio de 2018.

Após cada encontro, o grupo de estudantes responsáveis pela intervenção concentrava-se no pátio da Unidade Acadêmica dos Palmares/UNILAB, para debater as sensações advindas do campo, algumas anotações feitas no diário e colocando outras impressões que dialogassem com o referencial abordado. Tornou-se possível tecer percepções sobre as interações com as mulheres e entender as narrativas-espacos que a percorrem.

Ressaltamos que o fluxo desse trabalho é guiado pelas anotações no diário de campo e debates sobre as interações sentidas na intervenção, levando em consideração as percepções e o referencial teórico-metodológico a partir de palavras e temas geradores das mulheres. Assim, a realização da intervenção social, em parceria com as atividades de inserção da ReaPODERE, se dividiu em quatro momentos: duas visitas domiciliares juntamente com conversações na rua central da Estrada Velha e, posteriormente, em duas rodas de conversa (elaboração da bolsa com materiais reatualizáveis).

Considerando um pré-roteiro que facilitasse as conversações, é válido explicitar que conseguimos atingir as delimitações propostas tendo em vista que a ida a comunidade, e consequentemente os diálogos estabelecidos no referido espaço, constituíram-se como guias para planejar as rodas de conversa da intervenção.

O CONTEXTO, AS MULHERES E A CONSTRUÇÃO DA INTERVENÇÃO: ALGUNS DELINEAMENTOS E DESAFIOS.

A comunidade é formada por moradores(as) que se encontram em condição de vulnerabilidade e exclusão social. Há também relações de dominação simbólica de violência que ficam explícitas no modo como estão estabelecidas a ordem urbana social da cidade de

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

Acarape, sobretudo, quando a comunidade se encontra a margem do centro urbano e é marcada por crescentes casos de violência e criminalidade, assinalando estigmas e estereótipos que se configura em forma de preconceito e discriminação aos residentes. Há pichações nos muros anunciando a presença de algum coletivo criminal na região, trazendo consigo princípios de ordem simbólica e estrutural de violência e talvez alguma sensação de (in)segurança. “É proibido entrar de capacete”, anuncia a pichação.

Além disso, há ausências de políticas públicas que garanta, minimamente, condições de dignidade humana e direito a educação, saúde e cultura. É recorrente a carência de ações socioassistenciais e o anseio por equipamentos e espaços de cultura, esporte e lazer, como por exemplo, quadra esportiva, uma praça. Não há presença de saneamento básico. Há apenas um “campo de futebol” improvisado, dois bares e algumas casas feitas de taipa e outras de alvenaria.

São recorrentes as queixas das mulheres em relação aos aparelhos de serviços públicos (posto de saúde, hospital, fórum); e, conseqüentemente, o péssimo atendimento que recebem quando procuram as instituições que prestam serviços socioassistenciais, especificamente, o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). Logo constatamos que os profissionais que atuam nesses aparelhos demonstram atitudes discriminatórias, designadamente pelo fato de as moradoras provirem de uma região periférica, assim, reforçando no imaginário social acarapense os estereótipos sobre os moradores e a comunidade.

Podemos assim perceber os desafios que estão postos aos agentes sociais que agem na cidade (por exemplo, as extensionistas da ReaPODERE) para uma contribuição valorativa para a realidade retratada. Sobre isso assevera Eduardo Machado (2018):

Essas experiências revelaram como os agentes urbanos de cariz popular são continuamente desafiados por condicionantes materiais e imateriais de várias ordens e escalas, em contextos perpassados por correlações de forças adversas e onde derrotas, perdas, violências múltiplas, injustiças e violações de direitos são comuns, e deixam suas marcas. (MACHADO, 2018, p. 78).

Nessa perspectiva, a intervenção esteve associada, intrinsecamente, ao caráter dialógico como ferramenta indispensável para a expressividade e, simultaneamente, aos saberes das mulheres em relação a realidade vivenciada no contexto comunitário. Não deixando de lado as disposições de inserção e atividades socioeducativas proferidas pela ReaPODERE. Desse modo, é plausível explicitarmos que:

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2011, p. 109).

Contudo, torna-se necessário explicitarmos que a *dialogicidade* a qual estamos nos referindo é estabelecida de modo “espontâneo”. De forma a considerar por sua vez as expressões e, conseqüentemente, as palavras advindas das mulheres. De acordo com essa dinâmica, Freire (2011, p. 131) nos salienta que:

Dessa forma, se impõe à ação libertadora, que é histórica, sobre um contexto, também histórico, a exigência de que esteja em relação de correspondência não só com os temas geradores, mas com a percepção que deles estejam tendo os homens. Esta exigência necessariamente se alonga noutra: a da investigação da temática significativa.

Por sua vez, fazendo uso do conceito antropológico *liminaridade* como força necessária ao processo de intervenção enquanto prática artística na comunidade – ou seja, o conceito como instrumento político discursivo e interpretativo na compreensão de alguns aspectos do fenômeno social (SILVA, 2015) –, juntamente com os princípios da *dialogicidade*, compreende-se tais conceitos da seguinte maneira: primeiro, referindo-se ao estado de estar a margem da sociedade, uma espécie de “morte social”; e segundo, fazendo alusão aos aspectos internos e externos que influenciam no agir do indivíduo.

Para Tavares e Albertini (2005), que desenvolveram uma pesquisa na comunidade de São José, situada na favela Jardim Peri em São Paulo, fundada nos anos 70 e formada por migrantes nordestinos, estes conceitos delimitam qual o entendimento que temos em relação a conjuntura espacial e emotiva dos indivíduos. Nesse ínterim, definem o espaço da favela como espaço de fronteira, pois nos seus meandros se articulam processos de inclusão e exclusão, e não somente de exclusão.

Como nos ressalta Meirelles e Athayde (2014, p. 152): “[...] a favela, mais do que outros núcleos de moradia, é um lugar vivo, orgânico, que tem coração, que respira, composto pela síntese de suas gentes, suas histórias e suas culturas.” Sobre esses territórios fronteiriços, Tavares e Albertini (2005), destacam o processo de formação da subjetividade desses indivíduos, que podem ser entendidas pela formação de uma intersubjetividade. Ou seja, a ligação das subjetividades para o desenvolvimento de ações que beneficiem o coletivo. E que possibilita processos de desnaturalização da violência cotidiana.

É nesse sentido que resignificamos a *liminaridade* no processo de intervenção, que a médio e longo prazo, permitiria tricotar e despertar por meio da arte as capacidades de simbolização, tal como nos apresenta Cao (2010, p. 193): “[...] a simbolização é a condição

que permite inventar estratégias diferentes, mais medidas e complexas na resolução das situações sociais [...]”. Ademais, “dada sua capacidade de simbolização, a criação artística proporciona uma oportunidade sem igual para favorecer esses processos de pensamentos divergentes” (Ibid., p. 193). De tal modo, possibilitando traços de um esboço de desenho social reflexivo enraizado numa postura educativa, estética e política de atuação das mulheres da Estrada Velha nos movimentos comunitários e futuramente nas organizações coletivas da região.

AS RODAS DE CONVERSA: ESTIMULANDO VÍNCULOS NA COMUNIDADE E O PROCESSO DE COMPOSIÇÃO DA BOLSA ARTESANAL.

Constatamos que algumas mulheres possuem práticas artesanais como ponto-cruz, croché, pintura em tecido, bordados. Mas não há incentivos do município em potencializar esta prática como exercício criativo e afetivo de modos de vida. Foi nesse momento que mostraram interesse de aprenderem ou potencializarem suas habilidades artesanais a partir da confecção de uma carteira utilizando materiais reutilizáveis (uso de caixas de “leite longa vida” ou leite UHT (*Ultra High Temperature*) vazias e lavadas, retalhos de tecidos diversos, sementes, etc)^[9] – ou seja, partindo do princípio de que fossem materiais de “fácil acesso”, corriqueiros, “baratos” e que pudessem ser reaproveitados, dando-lhes novas dimensões expressivas. Organizamos uma lista das mulheres que mostraram interesse em participar da intervenção, totalizando 16 membros interessadas.

Foi no período vespertino e no alpendre da casa de umas moradoras que se iniciou a elaboração da bolsa. As mulheres, e algumas crianças (filhas(os), netas(os)) que as acompanhava, já nos esperavam. Após exposição dos materiais a serem utilizados, algumas mulheres se mostraram nervosas e impacientes. Além disso, houve um pouco de dificuldade para reuni-las. Dizem que não sabiam manusear as ferramentas: “Já estou me estressando!”; “Não quero mais fazer isso”.

Aos poucos esses percalços são transformados em traços que revelavam, paulatinamente, esboços de personalidades das mulheres no objeto artesanal. Era nítido o prazer das mulheres na criação. Algumas logo tomaram a dianteira e fizeram suas bolsas rapidamente; e em seguida, ajudando as que estava com dificuldades.

Ao mesmo tempo que se confeccionava aproveitávamos para articular perguntas que envolvesse o uso da memória, da importância de se trabalhar em grupo, as dificuldades encontradas na comunidade, do desenvolvimento de relações afetivas e outras impressões que

apareceriam nos diálogos. No decorrer percebemos relatos das maneiras como as mulheres estavam aprimorando os manuseios da elaboração do objeto artesanal, criando suas próprias técnicas e o reconhecimento de saberes que perpassam suas vidas cotidianas.

Como sabemos, a proposta deste trabalho foi possibilitar que as participantes pudessem desenvolver suas habilidades de forma “espontânea” envolto numa postura que assume a noção de trabalho coletivo e individual, deixando-as “abertas” para criar e expressar suas vivências através de “algo” produzido por/para elas. Ao adentrar na comunidade e assim decidir qual seria a intervenção, o intuito foi de criar espaços de diálogos para que as mulheres conseguissem aprender, sem imposição, a fazer o artesanato proposto, entrelaçado numa noção de intervenção comunitária que se faz entre a educação popular (FREIRE, 2011) e educação estética (CAO, 2010; SILVA, 2015). De tal modo, fazer florescer as potencialidades das mulheres participantes, tornando-as protagonistas da mudança de si e com o outro. Buscando mostrar que a comunidade também é capaz de fazer e vivenciar práticas artesanais:

Oferecendo uma posição conciliatória nessa tensão, arte/educação baseada na comunidade contribui com uma concepção de arte que combina várias categorias do fazer artístico, inclusive, por exemplo, tradições regionais, artesanato local, arte tradicionalmente produzida por mulheres, arte popular, media etc. Todas essas formas são valorizadas igualmente enquanto parte integral da cultura da comunidade (BASTOS, 2011, p. 229).

Conforme Paulo Freire (1996, p. 24), “ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou sua construção”. Resultando em autonomia dos sujeitos-participantes: “respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (FREIRE, 1996, p. 58). Conduzindo a caminhos de resistência e de transformação social.

Pensar as transformações sociais a partir de uma educação que valorize as experiências, saberes e práticas das mulheres envolvidas, utilizando a educação popular, que se constitui de uma concepção problematizadora da realidade social, e nessa perspectiva, buscar desenvolver uma ação crítica e reflexiva; trazendo a possibilidade de reconstrução de identidades ou de posicionamentos sociopolíticos e laços/vínculos afetivos capaz de transformar as suas realidades. Ou seja, despertando nas mulheres a construção de “outros mundos possíveis, outros horizontes de sentido, outros futuros partilhados” (MACHADO, 2018, p. 81). Tal como nos aponta Paulo Freire (1996, p. 96): “a educação é uma forma de intervenção no mundo”.

Pensando esta afirmação no contexto das mulheres, reforça-se que jamais podemos ir à comunidade com a autonomia de um agente social e de pesquisador que irá salvá-las. As comunidades precisam de autonomia para que os(as) moradores(as) possam se sentir capazes de fazer mudança na vida cotidiana.

É necessário reforçar que o trabalho realizado na comunidade esteve a todo momento preocupado em articular teoria e prática, no qual os participantes pudessem estarem envolvidas no processo de construção da intervenção. Portanto, buscamos nesse processo educacional junto à comunidade o desenvolvimento de suas potencialidades e a capacidade de uma transformação a partir da tomada de consciência e de potencialização e valorização da vida as mulheres da Estrada Velha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: ESCRITAS EM (RE)CONSTRUÇÃO.

Embora a comunidade possa ser descrita como calamitosa, devido aos *déficits* oriundos da ausência de políticas públicas e ações sociais pautadas na garantia de direitos humanos, principalmente pela falta de programas de saneamento básico, acesso à educação de qualidade, maior atuação dos equipamentos socioassistenciais na comunidade e a falta de instrumentos culturais e de lazer; em parcerias com os coletivos sociais da cidade, notamos que o acolhimento das mulheres que ali residem é demasiadamente estimulante.

Desse modo, observa-se que as comunidades possuem dinâmicas e práticas sociais próprias. E para agir nessas dinâmicas e práticas deve-se adquirir disposição e uma postura de trabalho de ético, solidário e afetivo. Para tal, fomos adentrando aos poucos e assim tivéssemos o “reconhecimento” da comunidade; realizando a intervenção. Aqui se estabelece o modo com as mulheres da comunidade se relacionam, mesmo sendo vidas marcadas pelas consequências da desigualdade social.

A intervenção possibilitou no compartilhamento de saberes e conhecimentos de maneira afetiva e também solidária, e que algumas mulheres até colocaram como possibilidade de utilizarem o que aprenderam como uma fonte de renda futura ou de comercialização, evidenciando o desfavorecimento financeiro e, simultaneamente, o anseio pela ideia de “progressão” da renda familiar.

As trocas que essa vivencia nos proporcionou, certamente, a reconstrução de laços e vínculos afetivos de si e om o outro, dentro e fora da comunidade, quanto para os intervencionistas que reforçaram a crença no potencial do trabalho em grupo. Nota-se um vasto campo de atuação de pesquisa e extensão pautada no desenvolvimento de aspectos

instrumentais e metodológicos da potencialização e valorização da vida de mulheres, e no desafio de construir pontes e redes de ações coletivas em que as moradoras se tornem protagonistas.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Flávia Maria Cunha. O pertubamento do familiar: Uma proposta teórica para a Arte/Educação baseada na comunidade. In: **Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 227-244.

CAO, Marián López. Lugar do outro na Educação Artística – olhar como eixo articulador da experiência: uma proposta didática. In: **Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. Tradução Maria Emília Sardelich. São Paulo: Cortez, 2010. p. 187-226.

FREITAS, Maria de Fatima Quintal de. **Inserção na comunidade e análise de necessidades: reflexões sobre a prática do psicólogo**. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 1998, vol.11, n.1, pp.175-189. ISSN 0102-7972.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GOHN, Maria da Gloria Marcondes. **Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. São Paulo: Cortez, 2011.

LAVALLE, Adrián Gurza; CASTELLO, Graziela; BICHIR, Renata Mirándola. Quando novos atores saem de cena. Continuidades e mudanças na centralidade dos movimentos sociais. In: **Política e Sociedade**, UFSC, N° 5, outubro de 2004.

MACHADO, Eduardo. Desafios da intervenção acadêmica no planejamento urbano: diálogos sociológicos com a educação popular em Paulo Freire. In: **Construindo pontes: Paulo Freire entre saberes, projetos e continentes / Elaine Ferreira Rezende de Oliveira, Larissa Oliveira e Gabarra, Leandro de Proença Lopes (Organizadores); Anderson Gonçalves Costa.[et al.]**. – Fortaleza: EdUECE, 2018. 370p. ISBN: 978-85-7826-595-3.

MEIRELLES, Renato; ATHAYDE Celso. Onde mora o seu lugar. In: **Um país chamado favela: a maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira**. São Paulo: Editora Gente, 2014. p. 152-165.

SILVA, Antônio Micael Pontes da. **Teatro e aprendizagem: metamorfose do sujeito**. Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras

(IHL) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). Redenção, 2015. 62f.

STRECK, Danilo R. Práticas educativas e movimentos sociais na América Latina: aprender nas fronteiras. **Serie Estudos**. Periódico do Mestrado em Educação da UCDB. Campo Grande-MS, nº 22, p99-111, jul./dez. 2006.

TAVARES, Sandra Maria Greger; ALBERTINI, Paulo. Moradia e Corporeidade em espaços liminares: um estudo sobre formas de subjetividade na favela. **Paidéia**, 2005, 15(31), 299-308.

VINHOSA, Luciano. Obra de arte e experiência estética. **Arte contemporânea em questões**. Rio de Janeiro, Apicuri, 2011.

^[3] Município localizado na macrorregião do Maciço de Baturité, no Estado do Ceará, que é composta por 13 cidades.

^[4] Sob coordenação do Prof. Dr. Ferreira Moura Junior (docente da UNILAB e professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia UFC). As atividades da ReaPODERE iniciaram-se em 2016, tendo como premissa central construir uma universidade mais crítica e atuante dentro e fora dos muros acadêmicos enquanto perspectiva interdisciplinar e na produção e difusão do conhecimento e saberes comunitários. O primeiro trabalho desenvolvido pela ReaPODERE foi sobre a temática do trabalho infantil e suas políticas públicas de enfrentamento nos municípios de Redenção e Acarape, Ceará. Foram realizados aprofundamentos teóricos sobre o CRAS, CREAS e PAIF. Assim, surgindo o acompanhamento das atividades do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) de Redenção pelos extensionistas; somando na realização de capacitação de orientadores(as) sociais do município. Concomitante a essas atividades iniciais da ReaPODERE também acontecia o grupo de estudos “Direitos e Políticas Públicas da Assistência Social” destinado a estudantes da UNILAB. Depois iniciaram uma nova ação de extensão de contato direto com a comunidade Estrada Velha. A partir da realização de visitas domiciliares e caminhadas comunitárias, foi planejado junto com os(as) moradores(as) a construção de atividades socioeducativas para crianças da comunidade e processos de empoderamento feminino.

^[5] A intervenção é resultado da avaliação final da disciplina Movimentos Sociais e Educação, ministrado pelo Prof. Dr. Eduardo Gomes Machado (docente da UNILAB). A proposta da intervenção soma-se as atividades de inserção comunitária para composição do perfil da Frente das Mulheres da comunidade, incentivado pelas extensionistas Sandy Oliveira, Rakel Oli, Lívia Bonfim, Gerlânia Nogueira, Rafael e Valeria Souza.

^[6] Uso de caixas de “leite longa vida” ou leite UHT (*Ultra High Temperature*) vazias e lavadas, retalhos de tecidos diversos, sementes, etc. Outros materiais utilizados na elaboração da bolsa foram cola de isopor, tesouras com e sem ponta, botões, velcro, linhas, agulhas, lápis, caneta e réguas. Para cada bolsa precisou-se de 2 pedaços de tecidos (25-30cm), 1 cola de isopor, 1 caixa de leite, pedaço pequeno de botão e outros materiais para enfeites.